



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## MULHER, PROFISSÃO E SUBJETIVIDADE: UM ESTUDO NO IFS

Elza Ferreira Santos  
Instituto Federal de Sergipe – IFS  
[elzafesantos@gmail.com](mailto:elzafesantos@gmail.com)

O presente trabalho insere-se nos estudos que envolvem gênero e educação. Pretende compreender até que ponto as mulheres que cursam carreiras e assumem profissões tradicionalmente caracterizadas como masculinas estão construindo os modos de subjetivação, isto é, em que medida as mulheres que estudam e se formam em Segurança do Trabalho, curso com presença maciça de mulheres, diferem das mulheres que estudam e se formam em Eletrotécnica, curso com presença maciça de homens. Estas são menos sentimentais e sensíveis que aquelas? Que razões as levam a escolher um curso ou uma profissão?

Na busca de compreensões, é que selecionamos como sujeitos de pesquisa alunas e alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe – IFS. Eles estudam os cursos técnicos subsequentes, modalidade de ensino em nível médio ofertada pela rede federal de educação profissional brasileira. Estamos realizando entrevistas e grupos focais a fim de esclarecermos nossas indagações de pesquisa que adentram o terreno da subjetividade, das relações de poder erguidas entre homens e mulheres na contemporaneidade. Para tanto, nos valem do corpo teórico de algumas feministas, entre elas, Judith Butler (2003 e 2005), dos sociólogos Berger e Luckmann (1985) e da noção de sujeito e poder de Michel Foucault (1984).

Para a comunicação que se segue, foi selecionada uma estudante que gostaria de cursar Eletrotécnica, inscreveu-se para este curso, mas está em outro, Segurança do Trabalho. Desejar um curso mas está em outro é apenas uma das contradições que ocorreram e que tenta administrar. Mais que isto, suas relações com homens e mulheres parecem estar em desacordo, para quem a observa, com o que foi institucionalizado pela família e pela sociedade. Para ela, ao contrário, muitas de suas ações são absolutamente comuns, não lhe causam estranheza tampouco transtorno.



## **Gênero: perspectivas**

O conceito de gênero começou a ser usado com o intuito de afastar-se do binarismo sexual oriundo das regras naturalizadas pela biologia. Algum tempo depois, o conceito foi se apropriando de outras demandas como a de não ser o gênero apenas produto de uma construção social, mas acima de tudo produto das relações antagônicas ou igualitárias que homens e mulheres mantêm. Nessas relações se inseriu aos poucos outra noção muito cara às feministas, o conceito de poder. A partir, principalmente, dos estudos de Scott (1989), vê-se a relação homens e mulheres integrada a uma rede de poder. Com a filósofa americana Judith Butler, também, as categorias gênero e poder se associam para compreender como se constitui o sujeito na contemporaneidade.

Publicado em 1990, *Problemas de Gênero* trata da subjetividade, mostra que o sujeito não é uma entidade substancial que possa representar um grupo, por exemplo, o das mulheres. O livro aposta na instabilidade e fluência do sujeito. Conseqüentemente toda a política feminista que estava centrada na concepção de um sujeito essencial parece encrocada, impossibilitada, talvez, de lutar em nome das mulheres que compõem o mundo. Butler mostrará que o sujeito do feminismo é efeito de uma política representacional. É uma “formação discursiva” (BUTLER, 2003, p. 19).

Com Butler, a noção de poder é ampliada e a noção dualista de gênero é criticada, pois mesmo ao trocar sexo por gênero continuamos a empregar masculino e feminino como se fossem correspondentes de macho e fêmea, respectivamente: “El género es el aparato mediante el cual tienen lugar la producción y la normalización de lo masculino y lo femenino, junto con las formas intersticiales hormonal, cromosómica, psíquica y performativa que el género asume” (BUTLER, 2005, p. 11).

As noções de masculino e de feminino começam a se naturalizar como se estivéssemos esperando que homens e mulheres se comportem não mais como “manda” a biologia, mas sim como se organiza a cultura. Ou seja, o conceito de gênero que veio para desconstruir os valores naturais/biológicos acaba por cair na armadilha das regras sociais. O aparato simbólico criado pela cultura patriarcal e científica impõe valores e o conceito de gênero submete-se a eles. A proposta de Butler é que os estudos de gênero



possam também desconstruir este aparato sócio-cultural que empurra homens e mulheres para um binarismo masculino e feminino: “estamos sugiriendo que el género tiene una manera de moverse más allá de ese binario naturalizado” (BUTLER, 2005, p. 12).

O fato é que o gênero não escapa do poder regulador, entenda-se poder regulador no sentido foucaultiano – aquele que se constitui historicamente e opera sobre os atos sociais e culturais. No caso do gênero, defende Butler (2005, p. 10) que se trata de um caso distinto: “El género requiere e instituye su próprio y distinto regime regulatório y disciplinario”. De acordo com a filósofa feminista, entendemos que a heterossexualidade vigente tem exigido e regulado o gênero de acordo com um binarismo excludente – o masculino não só se opõe ao feminino tampouco onde um se faz presente o outro se faz ausente. Assim, o gênero funciona como um mecanismo por meio do qual se produzem e naturalizam as ideias e as imagens de masculino e feminino. Ora, questiona Butler, se não poderia ser o gênero o mecanismo pelo qual houvesse desconstrução e desnaturalização do que já foi instituído na cultura. Caso contrário:

Um discurso restrictivo acerca del genero que insista em el binário de hombre y mujer como la única forma de entender el campo del género lleva a cabo una operación regulatória del poder que naturaliza la instancia hegemónica y excluye la posibilidad de pensar em alterarla (BUTLER, 2005, p. 12).

Atender a um discurso restritivo que compreende homens e mulheres como únicos representa a instituição de um poder regulatório. Ora, observemos numa escola: Quanto às alunas, espera-se delas, muitas vezes, que se comportem ou que se apresentem bem femininas, isto é, que ajam com meiguice e afetividade, pois se sabe serem formadas em uma cultura, e nela esperam-se tais atributos, ainda que sejam categorizados como psicológicos ou sociais. Então, qual não é a surpresa quando agridem fisicamente alguém ou gritam palavrões ou escolhem trabalhar como técnicas em Eletrotécnicas. Entendemos, pois, que o gênero escapa do sexo. O gênero que se reconhece não é a representação social do sexo que classifica as aluna em questão,



efetivamente. Mais que isto, noutra momento, aquelas mesmas meninas que estavam a gritar ou a bater, podem apresentar-se bastante meigas ou gostarem de tricotar.

O que se pode entender com isto? O gênero também escapa das determinações sociais? Um ser pode ser representado por mais de um gênero? Uma mulher pode ter um gênero diferente do gênero de outra? Estaria Butler propondo uma multiplicação de gêneros. Um para mulheres negras outro para as brancas, outro para as lésbicas, outro para os homens, para os gays, para os intersexuais etc. Não se trata disso. Mesmo por que se fossem criar para cada identidade uma representação de gênero, outros problemas epistemológicos seriam criados.

Na verdade, quando a teoria feminista defende uma identidade feminina formada pelo gênero corre-se o risco de assumir que o feminino é uma essência. Corre-se o risco de entender o gênero como substancial, como se a cultura formasse um sujeito mulher que se diferencia de um sujeito homem e que não raro estão em pé de guerra, numa fatal oposição.

Mas que sujeito é este? Inevitavelmente, Butler vai contrariar o que comumente se entende por identidade e vai traçar noções do que seja este suposto sujeito feminino.

### **Como se constitui a subjetivação?**

A subjetividade é um constructo: “o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes” (BUTLER, 2003, p.18). Na verdade, ao considerarmos se existe ou não um sujeito feminino, partimos do pressuposto que devem ser observadas as relações de poder que fomentam e restringem as possibilidades de diálogo. Devemos levar em conta ainda que não só o sujeito feminino não se faz em oposição ao sujeito masculino como também nenhum dos dois se faz distinto em todas as situações. Ao contrário, juntos se enfrentam, complementam-se, relacionam-se, portanto.

Dentro da perspectiva foucaultiana, passamos a entender o sujeito como uma construção histórica. É a história que dá subsídios para entender os processos de subjetivação. Logo, vê-se aqui uma oposição ao sujeito cartesiano ou kantiano, porque



ao contrário do que se configurava como sujeito “universal, necessário, obrigatório”, Foucault vai buscar o que há de “singular, contingente, fruto das imposições arbitrárias” (FOUCAULT, 2000, p. 347); defender que o sujeito não é uma substância, não é uma entidade. É o constructo que ao longo de sua formação, e essa formação é contínua e constante, faz-se múltiplo, variável.

Para ele, a preocupação não estava em buscar a constituição ou a origem do sujeito, mas em analisar as práticas nas quais o sujeito aparece como efeito de uma constituição. Essas práticas podem ser entendidas como modos de subjetivação. Para Foucault é possível distinguir três modos de subjetivação, a saber:

1) Modo de investigação, que tenta atingir o estatuto de ciência, como por exemplo, a objetivação do sujeito do discurso na gramática geral, na filologia e na lingüística. Ou ainda a objetivação do sujeito produtivo, do sujeito que trabalha, na análise das riquezas e na economia. Ou ainda um terceiro exemplo, a objetivação do simples fato de estar vivo na história natural ou na biologia. 2) Modos de objetivação do sujeito naquilo que eu chamarei de “práticas discursivas”: o sujeito e dividido no seu interior e em relação aos outros. 3) O modo pelo qual um ser humano torna-se um sujeito, por exemplo, escolhi o domínio da sexualidade – como os homens aprenderam a se reconhecer como sujeitos de “sexualidade”. (FOUCAULT, 1984, p. 231-232)

O sujeito insere-se em práticas de produção e de subjetivação e como tal insere-se também em relações complexas de poder. Na compreensão do que Foucault chama de poder, parte-se do reconhecimento do que contexto que estamos vivendo.

### **De que sujeito estamos falando?**

O assujeitamento é, a partir da leitura de Foucault, um fazer-se sujeito, o princípio de regulação conforme o qual se formula ou se produz um sujeito. Mas como o sujeito apreende essa regulação?

Foucault (1984) considera o Estado como a matriz moderna da individuação ou uma nova forma do poder pastoral (uma antiga tecnologia de poder originada nas instituições cristãs). O Estado moderno que visa assegurar o bem-estar, que define os critérios de higienização, de escolarização, acaba por definir como deve se portar o sujeito cidadão.



Numa escola, estão diversos dispositivos que provocam a docilidade dos corpos. Intencionalmente ou não, a onipotência de uma ordem escolar sistematizada por meio dos discursos que instituem a escola, por meio dos discursos que instituem o saber dos professores, por meio da vigilância perseguida pelos olhares que buscam a ordem como sinal do bom funcionamento das coisas, enfim, por todos os setores, olhares e discursos impregnam valores de como devem se comportar os corpos. No que diz respeito ao gênero, a escola enquanto instituição regulada por normas ainda apresenta padrões convencionais quanto aos papéis sociais que homens e mulheres devem exercer. Os livros didáticos não raro apresentam visão maniqueísta de como deve se comportar o sujeito feminino ou o masculino. No ensino profissionalizante, por exemplo, os livros técnicos sempre trazem a imagem de meninos usando ferramentas ou manuseando máquinas. Da mesma forma, a expectativa que os professores e professoras têm em relação à aprendizagem dos discentes: se as meninas se saem bem nos exercícios ou provas de matemática causa certo estranhamento, ao contrário, se são os meninos não há nada de estranho<sup>1</sup>.

Esses dispositivos presentes na escola podem ser vistos também na família ou em quaisquer outras instituições, moldar o corpo, formar o sujeito de acordo com as convenções parece uma necessidade social. Mas o sujeito não se limita a apenas ao assujeitamento. Os discursos produzem a subjetividade provendo e impondo um princípio regulador que toma completamente o indivíduo, que o totaliza e lhe outorga coerência, conseqüentemente, a subjetividade parece atuar como encarceradora do sujeito, do corpo. Entretanto, como afirmaria Foucault, as relações de poder suscitam resistência: “as resistências são o outro lado nas relações de poder” (2003, p. 91). Então os discursos que promovem a subordinação, aqui denominada de assujeitamento, promovem também as resistências. Mais que isto, o sujeito só se constrói por meio do poder e da resistência.

Os discursos, como os silêncios nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em

---

<sup>1</sup> Sobre trabalhos que envolvem gênero e livros didáticos, gênero e prática docente sugerimos ver as pesquisas da professora Maria Eulina Pessoa de Carvalho – UFPB/CNPQ.



que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo (FOUCAULT, 2003, p. 96).

É por meio do discurso que o sujeito vai enveredar-se. Escutando seus pais, seus professores, o sujeito vai posicionar-se concordando e entrando nos liames do discurso deles construirá o seu seja acatando seja rejeitando o que se ouve. O silêncio ou o olhar produzem poder, emitem reprovação ou aprovação mas o sujeito que o recebe não fica inerte. Esse mesmo olhar que lhe dirige provação pode ser o olhar que provoca, que estimula a reagir.

O assujeitamento é o processo de tornar-se subordinado ao poder assim como o processo de tornar-se sujeito. No processo de assujeitamento, há a necessidade de um outro. É na relação dialógica que se constrói o sujeito. É no envolvimento com o outro e conseqüentemente no distanciamento que depois manterá com o outro que o sujeito vai sendo tecido. Como diria Foucault o sujeito precisa se deslocar para aprender saberes. Ou “não se pode ocupar-se consigo sem a ajuda de um outro” (FOUCAULT, 2006, p. 603).

A realidade social ou, como preferem Berger e Luckmann, a vida cotidiana supõe um modo intersubjetivo, um mundo no qual participamos juntamente com outros homens e mulheres. Não se pode existir na “vida cotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com os outros” (1985, p. 40).

Antes de tudo, é preciso ressaltar que ninguém nasce membro da sociedade. Torna-se membro através da inserção no mundo da linguagem, que por sua vez, nos é apresentada por meio dos pais, dos irmãos, enfim, daqueles que se fizerem presentes na “socialização primária”. Mas, inserir-se na linguagem ou como sugere Foucault no discurso é um processo. Estar num processo significa que se pode ou não apreender todo o discurso ou partes dele. Berger e Luckmann defendem que para o sujeito tornar-se membro da sociedade passará por um processo de interiorização:

O ponto para esse processo é a interiorização, a saber a apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objetivo como dotado de sentido, isto é, como manifestação de processos subjetivos de outrem, que desta maneira torna-se subjetivamente significativo para mim. Isto não quer dizer que compreenda o outro adequadamente (1985, p. 174).



É na incompreensão do outro, na falta de entendimento, nas divergências ocorridas durante o processo de interiorização que o sujeito vai constituir-se como distinto do outro que outrora lhe servira de espelho.

Esse processo de interiorização é similar à ideia de formação psíquica entendida por Butler. Aliás, se em Foucault, o sujeito é concebido dentro do movimento engendrado pela história, em Butler acrescenta-se, ao histórico, a dimensão psíquica: “Foucault é notoriamente parco em relação com o tema do psíquico, mas, em minha opinião, a descrição do submetimento deve aflorar/rascunhar seguindo os movimentos da vida psíquica” (BUTLER, 2001, p. 29-30).

### **Entre Eletrotécnica e Segurança do Trabalho**

A entrevista com Carolina<sup>2</sup> foi realizada no Instituto Federal de Sergipe, na sala do CCHS. Tem 25 anos de idade, é casada, não tem filhos, trabalha numa oficina mecânica e entrou no IFS para cursar o técnico subsequente em Segurança do Trabalho noturno. Mas antes, em 2009, inscreveu-se para Eletrotécnica porque gostava de mexer com eletricidade. Não passou no concurso. Um semestre depois, mais uma vez se inscreveu no concurso, só que pediu a sua mãe para efetivar sua inscrição e esta a inscreveu no concurso para Segurança do Trabalho. Foi aprovada, mas ela só descobriu a troca do curso no dia do resultado. Começou a estudar e permanece nele.

A entrevistada diz que as chances de arrumar trabalho/emprego aumentam bastante tendo feito um curso técnico no IFS. É unânime o reconhecimento dela e de seus parentes de que a instituição é qualificada para o ensino profissional e, portanto, segundo eles, atende a demanda do mercado: a de inseri-la bem no mundo profissional. Tanto que ela não se preocupa se tem ou não o perfil de estudiosa mas assume ter o perfil de quem gosta de trabalhar, de quem vê no trabalho uma necessidade vital seja para se sustentar economicamente seja para se sentir funcional.

---

<sup>2</sup> Nome fictício



Além de sua mãe, outro parente citado no seu discurso foi seu irmão. Indiretamente é o irmão de Carolina que a motiva estudar no IFS. Ele é o único da família, até agora, considerado estudioso, formou-se em administração pela Universidade Federal de Sergipe – UFS e no IFS teve uma breve passagem no curso de Turismo. Carolina sempre foi a “burra da casa” e ouvir isso todo dia de seu irmão a fez tentar mudar. Evidentemente que cursar Segurança não se deveu a ele como já vimos, mas procurar o Instituto para estudar, sim.

As opiniões dos parentes, ainda que não fossem exatamente compartilhadas por Carolina, foram adotadas. As oposições entre membros da família acabam por revelar conflitos relacionados ao saber, segundo Foucault as típicas lutas entre familiares “são uma oposição aos efeitos de poder relacionados ao saber, à competência e à qualificação: lutas contra os privilégios do saber. Porém, são também uma oposição ao segredo, à deformação e às representações mistificadoras impostas às pessoas” (1984, p. 235). Quem sabe o que é melhor para a irmã ou para a filha? Não são estes conflitos que fazem com que o sujeito questione seu próprio estatuto?

O fato de a mãe de Carolina inscrevê-la em Segurança mostra quem tem autoridade em casa, quem sabe o que é o melhor para uma mulher, mas ao contrário, isto só veio reforçar que o desejo dela é mesmo por Eletrotécnica, o que ficou claro quando ao ser indagada acerca do que mais aprovou em Segurança, ela prontamente afirma que, até agora, o mais prazeroso foi a visita técnica à CHESF promovida pela Coordenação do curso e a disciplina Eletricidade feita agora 2010/2 no segundo módulo.

Por que permanece no curso de Segurança se antes queria Eletrotécnica?

A entrada dela não está marcada no fato de ser Segurança do Trabalho um curso apropriado para meninas. Isto sequer passa pelas falas. A escolha ou a permanência do curso se deve a diversos fatores: a área é promissora para conseguir trabalho. Ela cita a existência de concursos e da intenção de prestar. Também fala das novas amizades com quem partilha as angústias de provas difíceis, notas baixas, pouco tempo para os estudos, ou prazeres como o de jogar conversa fora. Essas amizades fortalecem a

escolha que fizera ou a que foi levada a fazer. As amigas que passou a ter, de certo modo, selam um compromisso tipo “*entramos juntos sairemos todos formados*”.

Por que Carolina gostaria de estar cursando Eletrotécnica?

Procurou um curso cuja profissão fosse a de técnico em instalações elétricas. Possui traquejo, pois fazia consertos, algumas instalações de fios e de tomadas na casa de amigos, aprendeu com seu pai embora este fosse apenas taxista. Mas a sua mãe nunca concordou com esse tipo de profissão. A aproximação de Carolina com esses serviços é tanta que ao falar da disciplina de que mais gostou no primeiro ano de Segurança, não hesita em dizer, conforme já vimos, que foi Eletricidade.

Questionada sobre os relacionamentos que mantém na instituição escolar, Carolina cita sua preferência por estar entre os meninos:

*Eu gosto de brincar com os meninos, eu brinco com eles... Os meninos me tratam como irmã. Me dão apoio, conversa, me dão conselho... (Carolina)*

Óbvio que isto não se configurou pela primeira vez no IFS, traz desde a sua formação familiar ou escolar ou religiosa. Carolina comenta que sempre brincou com meninos, jogava futsal, lutava capoeira, é difícil compor amigas com mulheres, pois com mulheres rende “*muita fofoquinha*”. Atualmente seu trabalho é o de manutenção veicular e trabalha somente rapazes. Então, facilmente convive com os rapazes quer no trabalho quer na sala de aula. Também em casa, seu marido, que é eletricista, quando não está a fim de conversa sobre *energia*, ela conversa com os amigos eletricistas dele.

Carolina se diz uma desertora dos costumes, guarda como boas lembranças ter jogado bola no período em que estudou nas escolas do ensino fundamental e do médio. Ela não se define como a garota estudiosa, mas sim como a jogadora de futsal, era isto de que mais gostava de fazer. Isto gerou diversos conflitos com a sua mãe, o que se agravou quando começou a namorar um rapaz também jogador de futsal.

Através do discurso de Carolina entendemos que são manifestadas algumas ações que lhe exigem uma postura mais agressiva, mas ativa diante das suas decisões. Parece que à medida que os outros, ou seja, seu irmão, sua mãe, seu marido lhe fazem exigências, ela carece de liberdade.



*eu nunca gostei de estudar, eu sempre fui a burra da casa como meu irmão diz, então assim, ele me botou muita pressão, a família bota muita pressão, pra querer que estude, estude, estude, e eu nunca quis estudar, sempre quis brincar, sempre meu irmão estudava, só eu que não estudava, então, me via como uma pessoa que não estudava, que não gostava de estudar dentro de casa, entendeu?*

A palavra que mais apareceu na fala de Carolina é *oportunidade* seguida da palavra *pressão*. A primeira assinala seu estar no mundo: na escola, no emprego, na vida. Se ela tiver oportunidade vai mostrar seu potencial, sabe que gosta de trabalhar e é o que de melhor faz hoje haja vista que deixou de jogar bola. Uma grande oportunidade que teve em 2010 foi ter conhecido a CHESF, maior que esta foi a de ter visto uma mulher eletricitista. Certa feita, no caminho de volta para casa lá estava uma eletricitista subindo numa escada para trocar a fiação de um poste. Diz que parou e ficou assistindo. Sua emoção foi enorme porque imediatamente imaginou que, se tiver oportunidade, poderá somar-se àquela eletricitista. Se não houver, permanecerá na área de Segurança do trabalho.

A segunda palavra – *pressão* – refere-se às pessoas que sempre estiveram próximas dela – seu irmão e sua mãe. Outrossim, faz referência a uma madrinha que lhe arranhou um emprego de assistente de dentista e ficava cobrando-lhe perfeição no trabalho. Sente-se pressionada diante de pessoas que lhe são muito caras. Diante de pessoas com quem manteve ou mantém um vínculo afetivo, pessoas que como estiveram sempre por perto fazem parte do rol de sua inserção na linguagem, da sua história, da sua formação psíquica.

E na escola, quem faz pressão? As avaliações lhe deixam nervosa. Teme as avaliações porque sabe que não estudou bastante. Diz no início não ter tempo disponível para estudar, entretanto, em outro momento diz só trabalhar pelas manhãs sobrando-lhes a tarde livre. Diz que irá, no próximo semestre, começar a trabalhar em dois turnos. Entre os colegas de turma não se sente pressionada, afasta-se das meninas e aproxima-se dos meninos dos quais recebe afago, são eles que escutam suas insatisfações em relação ao casamento ou seus medos em relação às provas. Encontra nos rapazes amizade e, de certa forma, uma razão para continuar estudando.



## Considerações finais

Onde está o discurso de vítima? Não o percebemos. Está o discurso de batalhadora. Os homens não lhes aparecem como vilões. Aliás, aqueles que exercem a função de esposo e a de irmão apareceram interferindo bastante em sua vida, mas isto não significou atrapalhar a vida profissional, ao contrário, pareceu-nos que justamente o conflito que teve com eles serviu-lhe de estímulo para prosseguir com a carreira.

Não está em seu discurso ser heróica ou desbravadora, pois exercer a profissão de eletricista ou técnica em eletrotécnica ou técnica em Segurança do Trabalho é visto como absolutamente comum, isto é, um exercício profissional como qualquer outro, o que ela quer é se profissionalizar, sustentar-se. Carolina não se sente masculinizada ao fazer algumas atividades historicamente exercidas pelo macho. Sente-se mulher, aspira como mulher, trabalha como mulher; se tais atividades alguma vez foram mais ou melhor desempenhadas por homens, ela parece não se dá conta disso.

Tudo isso me leva, até o momento, a crer que de fato estamos vivenciando um momento de apreender costumes, assimilar traços que outrora causavam grande estranhamento mas que hoje parecem assimilados. Atualmente, as estratégias são outras: ao escolher ou definir uma carreira acadêmica, as mulheres, ao menos Carolina, quer saber das razões, das ferramentas que tal curso lhe possibilitaria para conseguir um emprego ou para manter-se em um. Ao desejar cursar Eletrotécnica está investida toda a aprendizagem que tivera em sua adolescência, o convívio que tivera com os rapazes. Certamente, ainda prestará concurso para cursar Eletrotécnica no IFS. Por ora, manter-se como aluna em Segurança do Trabalho faz com que a aluna se sinta bem haja vista as amizades conquistadas, o convívio com o universo acadêmico e a possibilidade de atuar como técnica em Segurança de trabalhar na área de eletricidade. Além disso, está vinculada a uma instituição de ensino faz com que Carolina desfrute a posição de estudante, posição louvada pela família.

## Referências bibliográficas



BUTLER, Judith. **Mecanismos Psíquicos Del Poder: Teorías sobre La sujeción.** Trad. Jacqueline Cruz. Madrid: Ediciones Cátedra, Universitat de Valencia e instituto de La Mujer, 2001.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade.** Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

BUTLER, Judith. Regulaciones de Género. In: **La Ventana**, n. 23, 2005, p. 07-35.

FOUCAULT, Michel. **O Sujeito e o Poder.** Tradução parcial do texto: Michel Foucault, "Deux essais sur le sujet et le pouvoir", in Hubert Freyfus e Paul Rabinow, *Michel Foucault. Un parcours philosophique*, Paris, Gallimard, 1984, p. 297-321. Acesso no site <http://jornalista.tripod.com/teoriapolitica/3.htm> no dia 10 de julho de 2008.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**, vol. II. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber.** Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 15ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito: Curso dado no Collège de France (1981-1982).** Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LOMBARDI, Maria Rosa. **Perseverança e Resistência: A Engenharia como Profissão Feminina.** Tese de Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNICAMP, 2005.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** In: Educação e Realidade, Porto Alegre, 16(2): jul-dez. 1989, p. 5-22.